



## As Inconsistências da Natureza Humana: Misoginia e Colonialismo na Antropologia de Kant

### The Inconsistencies of Human Nature: Sexism and Colonialism in Kant's Anthropology

José Henrique Alexandre de Azevedo<sup>1</sup>  
josehenriqueazevedo@hotmail.com

“Uma das mulheres que absorveu as concepções de Mattia Doria em Nápoles foi Giuseppa-Eleonora Barbapiccola, a tradutora do *Principia* de Descartes para o italiano [...] Ela era, além do mais, uma mulher com uma missão [...] divulgar a consciência cartesiana entre as mulheres em particular e trazê-las para participar do debate filosófico [...] Ela insiste que a inadequação deplorável [entre as mulheres e os livros] não se deve à natureza, mas a uma educação deturpada.”

(Jonathan Israel, *O Iluminismo Radical*)

**Resumo:** Há uma inconsistência na teoria antropológica erigida por Kant entre o que o autor pensa sobre o ser humano em geral e o que pensa sobre alguns grupos específicos, isto é, uma inadequação entre raça/gênero (feminino) e a ideia de humanidade em geral (civilizada). Isto ocorre por conta de o ser humano não poder ser conhecido de maneira última, uma vez que este é livre em sua vontade; assim, propósitos cosmopolitas em um sentido civilizatório (como finalidade) seriam a solução encontrada para adequar a humanidade a um estado civil regido por uma constituição; mas, paradoxalmente, mulheres, negros e indígenas, humanos em sua natureza, não parecem, aos olhos de Kant, terem aptidão e talento para o cosmopolitismo.

**Palavras-Chave:** Natureza humana; antropologia; raça; mulheres.

**Abstract:** There is an inconsistency between what he thinks that suppose to be the human being in general and what he thinks about some specific groups, that is, an inadequacy between race/gender (female) and the idea of humanity (Civilization). It happens because the human being cannot be known deeply, once this is a free being in its will. Thus, should be a solution for that to fix cosmopolitan purposes in a civilizatory manner (purpose), so that humanity could be ruled by a civil constitution; but women, black people and indigenou, humans in first place, do not seem, for Kant's eyes, to be apt and to have talents to achieve cosmopolitanism.

**Keywords:** Human nature; anthropology; race; women.

1 Doutor em Filosofia pela UNICAMP. Professor do Curso de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará - UECE.

## Introdução

A antropologia proposta por Kant, advém de mais de vinte anos de ensino sobre a natureza humana. Ora, ele inicia o curso de antropologia em 1772, deixando de ministrá-lo em 1796, ano de sua aposentadoria; contudo a obra que deveria servir como manual futuro aqueles que ensinassem tal disciplina, *Antropologia de um ponto de vista pragmático (Anth)*, apenas é publicada em 1798. Assim, em vinte e seis anos, Kant colhe informações e traça plano sobre o que deve ser o Humano dentro de uma perspectiva Iluminista, isto é, que prega haver um processo de melhoramento da humanidade por meio daquilo que se convencionou a chamar de civilização.

A *Característica antropológica*, enquanto doutrina do método da *Anth*, mostra, no entanto, os limites da filosofia kantiana para fundamentar uma antropologia completa, uma ciência da natureza humana que trate desta de maneira universal. Mas, ao contrário da *doutrina do método* da *Crítica da razão pura (KrV)*, Kant não possuía um programa antropológico de consecução, que resolvesse as inconsistências, facilmente. No caso específico da *Anth*, atestamos uma grave incongruência entre, por um lado, o que Kant entende sobre o caráter das pessoas e da espécie, ao serem apreciados em conjunto, e, por outro lado, o caráter dos povos, dos sexos e, principalmente, o das raças.

Mais precisamente, mostraremos que a espécie e as pessoas são, naturalmente, dispostas à universalidade da humanidade, mas, em contrapartida, notam-se as limitações que as mulheres e as raças não brancas (negros, índios e calmuços) possuem para ser plenamente humanos. Isto significa que há níveis de humanidade e que há restrições culturais para atingir o maior nível desenvolvido pelo homem branco. Kant dispõe na *Anth* uma progressão metodológica na *Característica* que deve partir do caráter da pessoa e chegar ao da espécie, mas no percurso entre uma e outra, há uma série de obstáculos, na sua visão, que têm de ser superados a fim de que as mulheres e os não brancos possam ser, verdadeiramente, humanos.

Para que este tipo de pensamento fosse possível na *Anth*, Kant desenvolveu-o ao longo das lições de antropologia, nos textos sobre raça da década de 1780 e ratificou-o na Geografia física (*PhG*). O conceito de raça, especialmente, desconfigura, de maneira definitiva, a universalidade da sua antropologia e impede que esta seja completada, uma vez que a ideia encontrada para justificar a natureza humana, como objeto especial de pesquisa da ciência antropológica, remete à noção de finalidade cosmopolita, isto é, à capacidade de progresso da civilização por meio da consecução de um estado constitucional que possa evitar guerras ofensivas e promover uma constituição republicana. Tal universalidade tem como ponto de partida e, paradoxalmente por uma petição de princípio, também como ponto de chegada o modo europeu de vida como padrão humano; todos os povos e pessoas

que, de fato, se proponham a ser plenamente humanos devem se adequar a esta característica.<sup>2</sup>

### O Caráter da Pessoa e da Espécie na Anth

Em relação à incongruência supracitada, começemos mostrando como, em vista do método aplicado à *Anth*, Kant define as características das pessoas e da espécie. De antemão, lembremos que esta é uma obra pensada ao longo de mais de vinte anos de construção, e destruição de conceitos, e análise de dados trazidos por homens que estiveram em regiões longínquas com povos exóticos aos olhos europeus. Kant nunca viajou e, por isso, lia relatos de viagem como fontes de suas pesquisas. Quanto ao caráter das pessoas, assim, Kant afirma que:

De um ponto de vista pragmático, a doutrina universal natural (não civil) dos signos (*semiotica universalis*) se serve da palavra caráter numa dupla acepção, porque, em parte, se diz que um certo homem tem *este* ou aquele caráter (físico), em parte, que tem em geral *um* caráter (moral), que, ou é único, ou não pode ser caráter algum. O primeiro é o signo distintivo do ser humano como ser sensível ou natural; o segundo o distingue como um ente racional, dotado de liberdade. Tem caráter o homem de princípios, de quem se sabe seguramente que se pode contar, não com seu instinto, mas com sua vontade. - Por isso, no que cabe à sua faculdade de desejar (ao que é prático), pode-se dividir, na característica sem tautologia, o *característico* em: a) o *natural* ou disposição natural, b) *temperamento* ou índole sensível e c) o *caráter* pura e simplesmente ou índole moral. - As duas primeiras disposições indicam o que se pode fazer do ser humano; a última (moral), o que ele se dispõe a fazer de si mesmo (Kant, 2006. p. 181).

As pessoas, para Kant, podem ser divididas entre aqueles que possuem um caráter determinado, seja pela natureza ou pela cultura, e aqueles que se dispõem, moralmente, a fazer de si mesmo um ser que age de maneira universal com perspectiva cosmopolita. Esta divisão parece simples, mas revela que o caráter natural de uma pessoa está ligado a um impulso prático ao que Kant chama de bem. Há, de fato, aqui uma progressão desde a aptidão do temperamento para uma maior humanização, no sentido kantiano, isto é, para a busca das finalidades da humanidade.

É preciso adequar este ser humano natural que pode ser feito de meio para um fim heterogêneo em uma ideia de humanidade que busca resolver os seus problemas. O caráter pode ser melhorado, dependendo do auto-cultivo de si mesmo, uma vez que

2 Também partimos da ideia de que o próprio Kant admite que a antropologia é a ciência mestra e finalidade da filosofia uma vez que é esta que deve dar conta da principal pergunta: “O campo da filosofia, nesta significação cosmopolítica [weltbürgerlich], pode reduzir-se às seguintes questões: 1) que posso saber? 2) que devo fazer 3) que me é permitido esperar? 4) que é o homem? A Metafísica responde à primeira questão; a Moral, à segunda; a Religião, à terceira; e a Antropologia, à quarta. Mas, fundamentalmente, tudo poderia reduzir-se à antropologia, pois as três primeiras questões remetem à última” KANT, I. *Manual dos cursos de lógica geral* (tradução de Fausto Castilho). Campinas/Uberlândia: EDUFU/EDUNICAMP, 2002. pg. 53.

“ter pura e simplesmente um caráter significa ter aquela qualidade da vontade segundo a qual o sujeito se obriga a seguir determinados princípios práticos que prescreveu inalteravelmente para si mesmo mediante sua própria razão” (Kant, 2006, p 188).

O caráter no homem precisa ser civilizado, a fim de haver uma universalização do ponto de vista da espécie. Isto posto, o caráter da pessoa deve ser consequente ao caráter da espécie, na medida em que é necessário “realizar o aperfeiçoamento do ser humano mediante cultura progressiva, ainda que com muito sacrifício da alegria de viver” (Kant, 2006, p 216). Isto significa a necessidade de adequação da diversidade humana de maneira que permita o progresso da espécie.

É curioso que Kant propõe na *Anth* a continuação de uma reflexão recorrente ao longo das lições, a saber, a impossibilidade de fundamentar de maneira última o caráter da espécie devido ao fato de que não conhecemos outra espécie de seres humanos que possa ser comparada conosco. Em verdade, Kant tenta mostrar que a razão deve ser o único guia confiável que pauta as investigações observacionais:

O caráter da espécie, tal como pode ser conhecido pela experiência em todos os tempos e entre todos os povos, é este: a espécie, tomada coletivamente (como um todo da espécie humana), é uma multidão de pessoas existentes sucessivamente e próximas umas das outras, que não podem prescindir da convivência pacífica, nem todavia evitar estar constantemente em antagonismo umas com as outras; que, por conseguinte, se sentem destinadas pela natureza, pela coerção recíproca de leis emanadas delas mesmas, a uma coalizão, constantemente ameaçada pela dissensão, mas, em geral, progressiva, numa sociedade civil mundial (*cosmopolitanismus*), ideia inalcançável em si que, no entanto, não é um princípio constitutivo (da expectativa de uma paz que se mantenha em meio a mais viva ação e reação dos homens), mas apenas um princípio regulador: o de persegui-la aplicadamente como a destinação da espécie humana, não sem a fundada suposição de uma tendência natural para ela (Kant, 2006, p 225).

Isto significa que as pessoas e a espécie estão integradas em um só sistema, que deve tender ao cosmopolitismo materializado numa sociedade civil mundial, uma visão social concernente aos maiores interesses da razão referenciados pelas quatro perguntas e suas respectivas áreas de interesse. Apesar de Kant pensar que esta é uma ideia inalcançável, ela, no entanto, é plausível, segundo o próprio, desde que as pessoas consigam progredir indefinidamente no caminho traçado para a espécie.

Apenas por meio destes seria possível que o antagonismo humano encontrado em guerras ao longo da história pudesse ser cessado. A tendência natural do homem a se civilizar não está posta no caráter da pessoa, um ser livre e de livre-arbítrio que pode, inclusive, ir de encontro aos desígnios da razão. Uma sociedade civil cosmopolita, desse modo, proposta na década de 1780 (*Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita, Idee*) e refinada na década de 1790, em *Para a paz perpétua (ZeF)*, *Conflito das faculdades (SF)* e *Anth*, poderia conter povos africanos

e indígenas? Esta pergunta que, em uma primeira olhadela, parece sem sentido ou mesmo trivial, passa a ser o calcanhar de aquiles do projeto antropológico em sua relação política e pragmática.

A resposta para tal enigma pode ser encontrada na mediação entre o caráter da pessoa e o caráter da espécie. A *Anth* mostra um desequilíbrio flagrante entre as duas características supracitada e as características dos sexos (mais precisamente do feminino). Quanto ao primeiro e à última, há debates atuais sobre o quanto a visão de Kant foi prejudicial de maneira que deu fundamento tanto a perspectivas misóginas quanto racistas.<sup>3</sup> Há quem defenda que tais perspectivas podem ser desviadas, uma vez que as obras críticas conteriam princípios universais; entretanto, seria a universalidade de Kant, de fato, universal? O desejo de um projeto de antropologia e as dificuldades encontradas pelo autor em sua consecução nos remetem à ideia de que a ciência, e o cientista que a coloca em baila, não está fora do mundo, ele carrega seus preconceitos e incapacidades sentimentais de colocar a razão em prática em algumas situações.

O caráter das pessoas e da espécie aparecem na *Anth* com um véu de universalidade irretocável, bem traçados em seus pontos que os humanos em suas especificidades deveriam preencher para melhorar as suas condições de vida e promover a satisfação e felicidade da espécie. Entretanto, para além dos clichês sobre a vida pessoal de Kant, notamos, principalmente um profundo desconhecimento sobre as mulheres europeias em sociedade. Kant traça o papel e os comportamentos sociais do sexo feminino por meio de uma lógica machista e patriarcal, as quais, inclusive tinham como opositores o prefeito da cidade de Königsberg e figura importante, Theodor Gottlieb von Hippel.

Também não parece, pela maneira como trata de índios e negros, que Kant tenha de fato conhecido qualquer pessoa desses grupos. O resultado disso é a proposição do caráter para a espécie e pessoa, por meio de uma pragmática eurocêntrica, que não consegue se adequar as complexidades das diferenças humanas, mas sim, ao invés disso, faz todas as especificidades de seres humanos se adequarem àquela pragmática, a fim de confirmar a plenitude de sua condição.

3 Um debate sobre a visão de Kant sobre as mulheres poderá ser visto mais a frente neste texto. Em relação à questão racial: Cf. SALIKOV, A. ZHAVORONKOV, A. *The concept of race in Kant's Lectures on Anthropology*. CONTEXTOS KANTIANOS, International Journal of Philosophy, N.º 7, Junho 2018, pp. 275-292.; LARRIMORE, M. *Antinomies of Race: Diversity and Destiny in Kant*. In: Patterns of Prejudice 42:4-5 (2008).; Jon M. Mikkelsen (ed.). *Kant and the Concept of Race: Late Eighteenth-Century Writings*. SUNY Press: Albany, 2013.; CHUKWUDI-EZE, E. *The Color of Reason: The Idea of "Race" in Kant's Anthropology*. In: CHUKWUDI-EZE, E. *Postcolonial African Philosophy*. Lewisburg: Blackwell, 1997.; BERNASCONI, R. *Who Invented the Concept of Race? Kant's Role in the Enlightenment Construction of Race*. In: BERNASCONI, R. *Race*. Malden: Blackwell, 2001.; BERNASCONI, R. *Kant as an Unfamiliar Source of Racism*. In: WARD, J.; LOTT, T. *Philosophers on race: critical essays*. Oxford: Blackwell, 2002.; BERNASCONI, R. *Kant's Third Thoughts on Race*. In: MENDIETA, E.; ELDEN, S. *Reading Kant's Geography*. New York: Suny Press, 2011.



Vejam, primeiramente, as incongruências entre o arcabouço caracteristicamente cosmopolita e as ideias de Kant sobre o caráter das mulheres.

### **É a Mulher Capaz de Ser Positivamente Cosmopolita?**

Kant afirma que “na antropologia a especificidade da mulher é um objeto de estudo para o filósofo, mais que a do sexo masculino” (Kant, 2006, p 199). Aqui começa a se colocar o desequilíbrio metodológico, na medida em que as obras críticas e, principalmente, de caráter moral e jurídico mostram uma teoria em que todos os humanos devem ser tratados como fins em si mesmos, a fórmula mor do imperativo categórico, mas não entrega o que promete. A instituição estatal do casamento é o único lugar na *Anth* em que as mulheres são analisadas e, assim, muitas das características que Kant atribui ao feminino demonstram uma ideia de passividade, tal a de tendência a dominar, que atualmente foi identificado pela psicologia como o comportamento passivo agressivo.<sup>4</sup> Ele quer mostrar que a natureza inseriu em ambos os sexos qualidades distintas, mas que, afinal, equilibrariam o progresso da civilização na união matrimonial. Entretanto, o modo como pontua, principalmente, as características femininas, mostra um total desequilíbrio entre os sexos, não deixando espaço para uma humanidade completa e ativa, visto que a mulher é passiva e submetida ao homem; pois, segundo ele,

Feminilidades significam fraquezas. Graceja-se com elas, os tolos as utilizam para seu escárnio, mas os sensatos veem muito bem que são elas justamente as alavancas que dirigem a masculinidade, e que as mulheres as empregam para aquele seu fim. O homem é fácil de investigar, a mulher não revela seu segredo, ainda que não guarde bem o de outros (devido à sua loquacidade). Ele ama a paz do lar e se submete de bom grado ao regimento dela, simplesmente, para se ver estorvado em seus afazeres; a mulher não teme a guerra doméstica, em que ela combate com a língua, e em vista da qual a natureza lhe deu loquacidade e eloquência carregada de emoção, que desarma o homem. Ele se baseia no direito do mais forte para mandar na casa, porque deve protegê-la contra os inimigos externos; ela, no direito do mais fraco: o de ser protegida do homem contra homens; com lágrimas de amargura deixa o homem sem armas, ao lançar-lhe na cara a falta de generosidade dele (Kant, 2006, p. 199).

A mulher é tratada nesta passagem como uma alavanca a ser usada pelos homens e por ser mais fraca precisaria ser protegida; a divisão sexual da humanidade é mostrada por Kant em uma forma cultural e biológica, em que ser mulher significa estar inferiorizada, em vista do progresso da humanidade. Isto posto, ao querer equilibrar as relações entre os sexos de forma a mostrar que, no final, deve haver um progresso e que a mulher é responsável pelo refinamento humano, Kant apenas

4 Kant retira a ideia de domínio (passivo agressivo) como característica do feminino de Alexander Pope (*Epistles to Several Persons II: To a Lady*, versos 209-210), (Kant, 2006, p 200).

consegue mostrar um desequilíbrio no papel ativo da mulher fora do lar, coisa que é sugerida por ele como seu lugar natural. Mais precisamente, há uma passagem da *didática antropológica* que antecipa o que pensa Kant da característica civil da mulher, ou seja, ao diferenciar entre o uso saudável e a incapacidade de bem usar o entendimento, Kant mostra que

A mulher é declarada civilmente incapaz em qualquer idade; o marido é seu curador natural [...] pois ainda que, no tocante à fala, a mulher tenha pela natureza de seu sexo saliva suficiente para defender a si mesma e a seu marido diante de um tribunal [...] ainda assim as mulheres não defendem pessoalmente os seus direitos, nem exercem por si mesmas seus deveres cívico-estatais, assim como tampouco convém a seu sexo ir à guerra, e essa minoridade legal no que se refere ao bem-estar doméstico: porque aqui entre o direito do mais fraco, que o sexo masculino, já por sua natureza, se sente convocado a defender (Kant, 2006, p 106-7).

No caso das mulheres que, em sua época, suplantaram os grilhões do lar e conseguiram uma educação de qualidade, demonstrando sempre sua inteligência em público, as doutas, Kant é bem específico; desde seu período pré-crítico sugere que tais mulheres poderiam, perfeitamente, usar barbas.<sup>5</sup> Na *Anth*, a sua visão não parece ter mudado ao longo dos anos, uma vez que “no que diz respeito às mulheres doutas, elas necessitam de seus livros como de seu relógio, a saber, elas o portam a fim de que se veja que possuem um, ainda que geralmente esteja parado ou não tenha sido acertado.” (Kant, 2006, p. 203). Encontrar em sua época tais mulheres, tal como Madame Du Chatelet, a inspiradora da frase sobre a barba, mostra que Kant tinha conhecimento sobre mulheres que por mais inteligência e sagacidade tivessem estavam impedidas de, por exemplo, assumir um posto de professora na universidade.

Ora, na própria cidade de Königsberg, como nos atesta Pauline Kleingeld, havia um ferrenho defensor dos direitos das mulheres, “um dos mais frequentes convidados e amigos de Kant era Theodor Gottlieb von Hippel (1741-1796), prefeito de Königsberg. Hippel é autor do livro *Über die bürgerliche Verbesserung der Weiber* (1792). No referido livro Hippel argumenta em detalhes sobre conceder mais direitos civis às mulheres e tenta desaprovar a maioria das legitimações tradicionais sobre a submissão delas.”<sup>6</sup> Isto significa que a visão de Kant não era unânime,

5 “O estudo laborioso ou a especulação penosa, mesmo que uma mulher nisso se destaque, sufocam os traços que são próprios a seu sexo; e, não obstante dela façam, por sua singularidade, objeto de uma fria admiração, ao mesmo tempo enfraquecem os estímulos por meio dos quais exerce seu grande poder sobre o outro sexo. A uma mulher que tenha a cabeça entulhada de grego, como a senhora Dacier, ou que trave disputas profundas sobre mecânica, como a marquesa de Châtelet pode mesmo faltar uma barba, pois com esta talvez consigam exprimir melhor o ar de profundidade a que aspiram.” KANT, I. *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime / Ensaio sobre as doenças mentais* (tradução de Pedro Panarra). Lisboa: Edições 70, 2012. p. 36.

6 “One of Kant’s regular guest and friend was Theodor Gottlieb von Hippel (1741-1796), mayor of Königsberg. Hippel is the author of the book *Über die bürgerliche Verbesserung der Weiber*

tampouco seu contraponto era desconhecido. A sua opinião sobre as mulheres é inconciliável com sua teoria da natureza humana. Este tema é, atualmente, palco para um debate (o qual será desenvolvido na sequência) acerca de se sua misoginia, de fato, desequilibra os ganhos da filosofia crítica, principalmente no que concerne ao ser humano como fim em si mesmo; a relevância deste debate também poderá nos mostrar se isto contribuiu para um déficit no conceito de natureza humana, pois, se a resposta positiva for, as mulheres, por razões biológicas e pragmáticas, nunca poderiam buscar fins cosmopolitas, por incapacidade congênita.

Ora, o caso é saber se Kant propõe, de fato, uma igualdade entre os gêneros, diversificando suas características ou somente aos seres do sexo masculino caberia a verdadeira alcunha de humano pleno, sendo a mulher, por reflexo ao masculino, humana. Com isso, por um lado, Barbara Herman (1993. pp. 49–67) Stephen Palmquist (2017, 7 pp. 35–55) e Kurt Mosser (1999. pp. 322–353) pensam que as visões de Kant sobre as mulheres não são capazes de afetar o bom funcionamento de suas obras críticas, que sugerem que ser humano algum pode ser tratado como meio; por outro lado, Pauline Kleingeld (1993) e Robin May Schott (1998. pp. 39–48) afirmam haver contradição entre o que Kant pensa sobre as mulheres e o que ele pensa sobre o ser humano em geral. Exporemos a ideia central de cada autor supracitado, dando ênfase maior ao embate entre Kleingeld e Palmquist, por conta de terem trabalhos mais enraizados sobre o tema.

Primeiramente, Barbara Herman pensa que é inevitável tratar os textos de Kant como misóginos, mas talvez o grande ponto de sua misoginia vem de nossa expectativa de que sua ideia sobre moralidade resolva todas as contradições sociais, estando este aspecto além do que o próprio Kant pensava e pretendia. A misoginia encontra-se em paradoxo no que diz respeito ao confronto entre as ideias dele sobre a autonomia como princípio básico da liberdade e suas ideias sobre sexo e casamento, nas quais as mulheres são, legalmente, submetidas ao homem; cosmopoliticamente submissas e passivas.

Para Herman, desse modo, “a falha de Kant foi em pensar (se ele de fato falhou) que as relações jurídicas poderiam assegurar autonomia individual sem uma profunda transformação social nas relações e nas famílias.”<sup>7</sup> Apesar de, segundo Herman, isso também não vir a resolver completamente o problema, ela identificou que algumas autoras feministas veem no engessamento social do pensamento de Kant o grande empecilho para ele ser uma fonte de liberação feminina, o que,

---

(On the Civil Improvement of Women, 1792). In this book Hippel argues in detail for more civil rights for women and tries to disprove most of the traditional legitimations for their subordination.” KLEINGELD, P. “THE PROBLEMATIC STATUS OF GENDER-NEUTRAL LANGUAGE IN THE HISTORY OF PHILOSOPHY: THE CASE OF KANT”. In: *THE PHILOSOPHICAL FORUM* Volume XXV, No. 2, Winter 1993. p. 144.

7 “Kant’s failure, I would say, was in thinking (if he did) that juridical relations could secure individual autonomy without the deep transformation of social relations and the family.” HERMAN, 1993, p. 70.



por outro lado, pode ocorrer desde que se foque nos seus trabalhos sobre ética e moralidade. A sua visão, enfim, condena a misoginia kantiana, mas vê sua obra crítica como uma ótima arma para a luta feminina por liberação. Uma visão um tanto estranha e insustentável em um primeiro confronto com os textos de Kant e sua visão sobre as mulheres.

Kurt Mosses segue um caminho padrão para aqueles que trabalham o conceito de gênero em Kant, ou seja, a independência de domínios ou, até mesmo, uma cisão entre crítica e antropologia. Mosser não diminui a maneira degradante a qual Kant se refere às mulheres, no entanto pensa que isto pode ser desviado dentro do quadro conceitual teórico das críticas, devido “particularmente sua visão sobre o sujeito, suas capacidades cognitivas e suas limitações teóricas.”<sup>8</sup> Para Mosser, tanto a função desempenhada pelo conceito de liberdade na filosofia prática de Kant quanto também a ideia de que o ser humano necessita sair do estado de minoridade, deveriam ser usadas de forma mais contundente pelo movimento feminista atual, uma vez que seriam armas teóricas consideráveis e inseridas em um sistema crítico.

Neste sentido, Mosser argumenta que “os resultados da filosofia crítica de Kant, inclusive a contribuição essencial à filosofia feita na *KrV*, são muito valiosas ao feminismo para serem perdidas sem uma considerável maior atenção em relação a que tem sido frequentemente recebida.”<sup>9</sup> No entanto, Mosser e outros que argumentam de uma forma similar deixam margem para a sugestão de que alguém pode ser em sua opinião pessoal misógino e opressor, mas defender na esfera pública direitos mais amplos para segmentos minorizados. Além disso, o autor acredita que os textos de Kant sobre uma visão degradante da mulher são episódicos e não podem ser tomados como parte efetiva do sistema.<sup>10</sup> Este pode ser um bom exemplo de um homem que é um excelente pai, mas agride a esposa, sistematicamente.

Isto poderia ter alguma concernência em Kant desde que a *Anth* fosse um episódio, tal como algumas passagens da *Metafísica dos costumes* (*MS*). No entanto, a inconsistência entre a crítica e a antropologia não concerne à discrepância entre formas diferentes de filosofia, mas sim entre um conceito restrito de natureza humana (que ou não envolve ou diminui o papel de mulheres, negros e índios) e um conceito amplo o qual Kant não conseguiu formular claramente.

8 “Particularly its account of the subject, its cognitive capacities, and its theoretical limitations.” MOSSER, 1999, p. 322.

9 “The results of Kant’s critical philosophy, including the essential contribution to that philosophy made by the First Critique, are too valuable for feminism to be dismissed without considerably more careful attention than it has often received.” MOSSER, 1999, p. 323.

10 “Initially, one must distinguish the central texts presenting Kant’s philosophical doctrine from the various minor works, unpublished notes, and student lectures. With the sole exception of Kant’s remark about the “natural superiority” of men in the *Metaphysics of Morals*, the views Kant expresses about women, and which have earned him, justifiably, harsh reactions from feminists, cannot be found in the systematic works such as the First Critique. Indeed, the texts focused on by Kant’s feminists critics are the *Observations*, a pre-critical work on aesthetics, and the *Anthropology*, a collection of student notes.” MOSSER, 1999, p. 350.

Contrapondo estas ideias que permitiriam esquecer a misoginia de Kant em vista de um bem maior, Robin May Schott apresenta em um excelente artigo o cenário filosófico de debate da filosofia feminista frente as posições da modernidade, da qual o principal objeto é Kant. Segundo ela, “as preocupações das leituras sobre feminismo surgiram da análise de Kant como ponto de partida da filosofia feminista.”<sup>11</sup>, ou seja, tal como juristas e politólogos que pesquisam estes temas em Kant os locam como ponto de partida das suas demandas, a filosofia feminista deve fazer o mesmo devido à relevância das ideias de Kant ao mundo atual.

Em contrapartida, Schott pensa que não há como classificar de maneira segura os vários tipos de leituras feministas sobre Kant, uma vez que existem diversas estratégias usadas, desde a assimilação do que interessa e o descarte do desinteressante, passando até mesmo a uma completa descarga, devido à contaminação teórica em toda a filosofia kantiana. Por isso, “não há um fácil mapeamento das leituras feministas sobre Kant, que se encaixam na típica classificação dos feminismos em: radical, liberal, Marxista-Socialista e pós-moderno.”<sup>12</sup>

Dentre todas leituras sobre Kant, as quais se mesclam, segundo a autora, em vários momentos, Schott se vê como uma marxista-socialista, de maneira que suas ideias devem ajudar ao debate feminista a rever a história da filosofia sob uma outra ótica, de maneira que possam corrigir distorções historicamente construídas. Schott apresenta bem mais um quadro conceitual teórico sobre o debate do que, propriamente, discute as várias leituras sobre Kant.

No entanto, pensamos que os quadros conceituais demonstrados por ela nos permitem reforçar a ideia de que há distorções flagrantes no que Kant esboçou ser a natureza humana. E por mais que alguns grupos, tal como o ecofeminismo, exponham que a visão cosmopolita de Kant em um sistema de propósitos interconectados pode ser um ganho para a natureza, desde que se corrijam as distorções de gênero, pensamos que na economia interna da *Anth*, Kant precisa ser bem mais que atualizado. Seria necessário reformular o sistema de propósitos de maneira que se pudesse pensar um novo ponto de partida realmente igualitário.

Pensamos que as duas visões mais bem formuladas sobre este debate no que concerne à defesa de ambos os lados, aqui parcialmente expostas, são as de Stephen Palmquist e Pauline Kleingeld. Ambos trazem elementos que tornam a mescla das posições algo inconciliável, de maneira que ou Kant realmente tentou expor uma igualdade entre os sexos tentando equilibrar as naturezas masculinas e femininas ou os seus juízos sobre a natureza da mulher, biologicamente formulados, a impede de ser humana de maneira ou completa ou absoluta dentro de um sistema de propósitos. Vejamos.

11 “Readers have taken concerns arising from feminist philosophy as points of departure in their analyses of Kant.” SCHOTT, 1998, p 47.

12 “There is no easy mapping of feminist readings of Kant that fits the typical classification of feminists into radical, liberal, Marxist-socialist, or postmodern.” SCHOTT, 1998, p 41.

Stephen Palmquist pensa que as visões de Kant sobre o ser humano conseguem sobrepor a sua misoginia, na medida em que as passagens misóginas estão postas em textos que ele considera menores, enquanto nas *Críticas* a visão de Kant abrange todos os humanos racionais. Palmquist defende que há diferenças entre os sexos, que nos permitem redefinir a ideia de sexismo. Em suma, ele pensa que há diferenças biológicas que nos permitem classificar homens e mulheres como seres diferentes dentro desta perspectiva, mas iguais sob o ponto de vista da espécie humana; isto significa que não é justificável tratar as mulheres como seres inferiores por conta de diferenças biológicas e aqueles que atuam desta maneira são os que merecem verdadeiramente condenação moral. Assim,

O ponto de minha definição refinada não é simplesmente declarar que tais diferenças, de fato, acontecem, mas somente criar tolerância para a possibilidade de que se ela de fato ocorrer, a simples ciência deste fato poderia ser eticamente não apropriada, mesmo embora pudesse se tratar do tipo de crença que é, hoje em dia, frequentemente rotulada como machismo e, portanto, considerada culpável. Se tais diferenças existem como um fato biológico, então a simples asseveração deste fato não pode ser comparado com um crime.<sup>13</sup>

Para Palmquist, a cultura sexista da época de Kant mostra uma diferença, a qual não podemos condenar de maneira absoluta, uma vez que há um lapso de tempo, que separa o modo de ver a questão da mulher na sociedade atual em relação aquela do tempo de Kant, isto é, “uma frequente desconhecida dificuldade em determinar se Kant era machista é a de que o juízo envolve a compreensão de alguém que vive em uma cultura sobre aqueles que vivem em outra que está separada daquela por um significativo lapso de tempo.”<sup>14</sup> O autor em questão também chama a atenção que em Kant, para além de uma errônea ideia de relativismo cultural, deve-se entender que há uma clara diferença entre *Sitten* e *Moralisch*, em que a primeira diz respeito a um conjunto de normas consuetudinárias assumidas desde uma base cultural de formação ética e a segunda, assim, concerne a algo racionalmente fundamentado que independe da base cultural. Isto posto, apesar do olhar hodierno para as afirmações de Kant acerca das mulheres, a sua proposição mais fundamental não está sujeita a nenhuma posição culturalmente baseada:

13 “The point of my refined definition is not to declare that such differences do, in fact, occur but only to make allowance for the possibility that if they occur, then the mere acknowledgment of this fact could not be ethically inappropriate even though it would be the kind of belief that is nowadays often labeled as sexist and therefore deemed blameworthy. If such differences do exist as a matter of biological fact, then the simple declaration of this fact is in no way comparable to a criminal act.” PALMQUIST, 2017, p. 42.

14 “An often unacknowledged difficulty in determining whether Kant was a sexist is that this judgment involves the assessment of someone who lived in one culture by those who live in another culture that is separated from the first by a significant lapse of time.” PALMQUIST, 2017, p. 42.

Se uma dada norma que substitui uma antiga torna aquela impossível, a cultura em si mesma deve ser vista como moralmente defeituosa; mas se esta cria espaço para aquela, daí em vez de ocasionar um relativismo, a possibilidade de emprego de uma *Sitten* estrangeira em vista de alcançar uma genuína moral boa sempre permanece aberta.<sup>15</sup>

Palmquist, com isso, não nega que Kant apresente uma forma muito prejudicial de sexismo, pois “seus escritos, sem dúvida, exibem alguma forma de machismo, pois ele repetidamente distingue entre a natureza feminina e masculina, de uma maneira que ultrapassa a mera diferença biológica.” Entretanto, ele pensa que “o principal problema será sempre o de saber se ele é culpado de promover uma forma dominadora de sexismo ou se seu sexismo é eticamente admissível em uma forma igualitária.”<sup>16</sup>

Desta maneira, Palmquist pensa que o modo como Kant apresentou a diferença entre os sexos, apesar de seu flagrante exagero, deu-se para equilibrar a humanidade e promover a igualdade. Para ele, isto fica mais claro no tratamento de Kant acerca do casamento, uma vez que as diferenças biológicas não seriam um impeditivo para a completa satisfação da humanidade em ambos os sexos, ou seja, tanto homens e mulheres fazem parte da humanidade apesar de contribuírem diferentemente para tal.

No entanto, podemos contrapor ao mostrar que mesmo internamente aos grupos sexuais há diferenças biológicas, de maneira que esta classificação sexista redefinida por ele, não é suficiente para classificar biologicamente diferenças tão consideráveis. Até mesmo os corpos hermafroditas, se tratarmos apenas biologicamente, não poderiam ser classificados como pertencendo a qualquer grupo, posto sua indefinição sexual. Este tipo de endosso pode levar a uma absolutização da cultura de um determinado tempo ou grupo, o que o próprio Kant não fez; a visão de Kant era estreita, mesmo para a sua época. Desse modo, a defesa de que Kant possuía um igualitarismo baseado no equilíbrio entre os sexos não pode, inclusive na época de Kant, ser considerado viável, posto o advento de uma nova forma de racionalidade, crítica e iluminista, que tinha por obrigação colocar todo e qualquer tema em perspectiva, fazendo da razão um tribunal neutro.

Assim, ou tal tribunal racional não é neutro, estando, pois, sujeito aos desígnios consuetudinários, ou se neutro for, não é possível conceber a posse restrita da

15 “If a given norm passed on by the former makes the latter impossible, then the culture itself must be assessed as morally defective; but if it leaves room for the latter, then far from entailing relativism, the possibility of employing a foreign *Sitten* in order to reach genuine moral goodness always remains open.” PALMQUIST, 2017, p. 45.

16 “Kant’s writings undoubtedly do exhibit some form of sexism, for he clearly and repeatedly distinguishes between the nature of men and women in ways that go beyond merely biological differences.” “The main issue will be whether he was guilty of promoting a domineering form of sexism, or whether his sexism was the ethically admissible, egalitarian form.” Ambas citações estão em: PALMQUIST, 2017, p. 45.

racionalidade a homens brancos, europeus e acadêmicos. Pauline Kleingeld, por sua vez, parece ser a visão mais consequente sobre o tema da misoginia em Kant, uma vez que pondera mais profundamente entre o que Kant, abstratamente, propõe para o ser humano (a qual ela não acredita ser abrangente) e o que ele, concretamente, expõe sobre as mulheres. Ela percebe que

Kant é um caso interessante a pontuar, uma vez que seus escritos são marcados por uma importante tensão entre, por um lado, sua linguagem e teoria ambas genéricas, e, por outro lado, suas visões sobre o estatuto da mulher. Embora seja ele um forte advogado do movimento de esclarecimento com fortes visões sobre autonomia e igualdade ente todos os seres humanos, ele faz exceções cruciais para mulheres, excluindo-as das esferas política, pública e econômica, e até mesmo negando-as a capacidade de autonomia pessoal.<sup>17</sup>

Suas reflexões são baseadas na tensão entre um Kant, supostamente, universalista e um outro com ideias restritivas à condição humana plena. Ela defende que ele, ao tratar da mulher como alguém com menor coragem que o homem e mais fraca fisicamente para se defender, “apresenta o medo das mulheres como consequência do fato biológico de elas poderem carregar os filhos no ventre. Esta ligação com a biologia torna impossível de ver tais características como contingentes e meramente determinadas pela cultura.”<sup>18</sup> A relação com a biologia se daria por conta dos tipos de juízos que encaixariam, exclusivamente, na antropologia, no caso o teleológico; entretanto, em nenhum momento da *Anth*, Kant advoga, explicitamente, estar usando este tipo de juízo.

O fato é que, segundo Kleingeld, Kant passa ao largo do ponto de vista, estritamente, cultural que deveria marcar a sua reflexão sobre os sexos e sobrepõe uma visão naturalista que inviabiliza uma unidade antropológica da espécie humana, tal como o próprio Kant buscou ao longo de toda a sua reflexão antropológica. Kant infantiliza a mulher em um sentido civil, de maneira que, como vimos acima, a coloca em um mesmo quadro conceitual teórico de incapacidade compartilhado por pessoas com dificuldades cognitivas e por crianças; a mulher, assim, é civilmente incapaz de cuidar de si mesma. Segundo Kleingeld,

---

17 “Kant is an interesting case in point, since his writings are marked by an important tension between his generic language and theory, on the one hand, and his views on the status of women, on the other. Although a forceful advocate of the Enlightenment, with strong views about the autonomy and equality of all human beings, Kant makes crucial exceptions for women, excluding them from the public, political and economic spheres, and even denying them the capacity for personal autonomy.” KLEINGELD, 1993, p. 134.

18 “Presents women’s fear as the direct consequence of the biological fact that they bear children. This link with biology makes it impossible to view this character trait as contingent and merely culturally determined.” KLEINGELD, 1993, p. 135.



As mulheres estão sob permanente guarda masculina. Elas não têm competência legal, não podem apelar à corte, não têm acesso ao mercado econômico, seu trabalho doméstico não é visto como labor e são dependentes economicamente dos seus maridos. Além disso, faltam-lhes o direito à cidadania (MJli.,VI,314; T&P, VIII, 295). Elas são cidadãs passivas – o termo cidadã aqui não passa de um eufemismo. Esta exclusão perpassa tudo que Kant concebe como válido e importante para os humanos (*Menschen*).<sup>19</sup>

A função da mulher é educar privadamente e a do homem colocar na sociedade tal educação por meio da função de governar, o qual, para Kant, ele está naturalmente destinado, daí “assim, as mulheres são dependentes da vontade de um homem adulto para sua existência e sustento, elas estão sob a guarda de um mestre macho superior, e, finalmente, elas têm de obedecer, as quais não lhes foram permitidas consentir ou dar uma opinião;” Kleingeld continua à reflexão ao mostrar que “outra vez, podemos concluir que Kant usa um duplo padrão: em um deles se aplica a todos, salvo às mulheres, e no outro se aplica somente às mulheres.”<sup>20</sup> A mulher não possui meios para o exercício da sua autonomia, segundo a maneira de Kant entender este conceito.

Nenhuma poderia, por natureza própria, superar o estado de menoridade que Kant denuncia na sua ideia de esclarecimento e isto não é apenas uma questão de diferença biológica, como alega Palmquist, uma vez que, como mostramos acima, Kant pensa que a mulher possui todas as condições biológicas de, por exemplo, se defender perante um tribunal, a grande questão é cultural e a maneira como Kant propõe na *Anth* o cultivo de si mesmo para contribuir para o progresso humano faz-nos pensar que ele acreditava plenamente na inferioridade da mulher no que concerne a fins cosmopolitas.

Kleingeld também argumenta que a linguagem neutra (nós) ao tratar do ser humano em geral em suas críticas não configura que Kant quisesse colocar todos os grupos humanos em um mesmo grau dentro de seu quadro conceitual. O modo como Kant construiu as suas obras não é suficiente para pontuar humanidade plena a outros grupos: o humano para Kant é branco, fala alemão e é europeu. Para ela, “por exemplo, o fato de que Kant exclui as mulheres da cidadania merece tanta discussão quanto a sua exclusão de alguns cidadãos machos passivos [...] Usar

19 “Women are under permanent male guardianship. They have no legal competence, cannot go to court, have no access to the economic.”market;” their domestic work is not recognized as labor, and they are dependent on their husbands for support. Furthermore, they lack the right to citizenship (MJli.,VI,314; T&P, VIII, 295). They are “passive citizens”—the term “citizen” here being little more than a euphemism. This exclusion cuts across everything Kant holds valid and important for “humans” (*Menschen*.)” KLEINGELD, 1993, p. 137.

20 “Thus, women are dependent on an adult male’s will for their existence and support, they have a male superior as their guardian and master, and, finally, they have to obey laws to which they have not been allowed to give or deny their consent. Again, we can conclude that Kant uses a double standard, one applying to everyone but actually excluding women, and another applying to women.” KLEINGELD, 1993, p. 138.

linguagem inclusiva (i.e., Kant pensava que toda ou todo ser humano deve se livrar da tutela de outrem) não funcionará, pois Kant não pensa de maneira inclusiva, e por conta disso apenas mascara a exclusão feminina por parte de Kant.”<sup>21</sup>

Portanto, o debate em torno destas questões antropológicas que ficaram, por muito tempo, marginalizadas veio à tona no século XXI; não é mais possível, em nosso tempo, ficar indiferente às visões de alguns grandes filósofos sobre a mulher. Kant é especial neste contexto, por conta de sua importância teórica para o Ocidente. No entanto, a discussão não deve girar apenas em torno de pinçar o que nos interessa desse período que nos ajude a avançar no nosso tempo, mas sim de saber: até que ponto a visão da prática social direta compartilhada pelos autores Iluministas, e em especial por Kant, inviabilizam a sua filosofia como crítica do presente?

Afunilando um pouco mais o nosso objetivo, podemos questionar até que ponto as visões de Kant sobre mulheres, povos e raças inviabilizaram a completude de sua filosofia, por meio da antropologia como ciência mor, a qual todas as outras estão submetidas? Para responder a este questionamento devemos compreender como Kant descreve os povos e as raças dentro do método antropológico, posto que se há realmente uma hierarquia humana ela deve se apresentar em grupos.

### **Cosmopolitismo aos Europeus, aos Outros Adequação**

Tanto a questão do sexismo de Kant quanto as outras *características antropológicas* desenvolvidas metodologicamente na *Anth*, possuem como pano de fundo a noção de Cosmopolitismo; tal ideia é mais bem materializada na visão de Kant na *característica dos povos*. Segundo Kleingeld, enquanto na década de 1780 Kant defendia um cosmopolitismo com caráter coercitivo a todos os povos, na década seguinte ele refinou sua posição de maneira a trazer à tona a ideia de um direito cosmopolita.

Este, “o qual Kant discute em termos de direito à hospitalidade diz respeito às relações jurídicas entre estados ou indivíduos (ou grupos) estrangeiros, os quais ele considerava cidadão de um único e abrangente reino jurídico.”<sup>22</sup> Isto significa que Kant na década de 1790 passou a defender mais fortemente a ideia de uma comunidade de estados que têm sua relação baseada na moralidade e, por extensão,

21 “For example, the fact that Kant excludes women from citizenship deserves as much critical discussion as does his exclusion of male passive citizens. [...] using inclusive language (e.g., Kant thought that every human being should free herself or himself from tutelage) will not do because Kant did not think inclusively, and because it disguises Kant’s exclusion of women.” KLEINGELD, 1993, p. 146.

22 “Which Kant discusses in terms of a right to hospitality, is concerned with the juridical relations between states and foreign individuals (or groups) whom he regards as citizens in a single all-emcompassing judicial realm.” KLEINGELD, P. *Kant and Cosmopolitanism: The Philosophical Ideal of World Citizenship*. New York: Cambridge, 2012. p. 7.

no direito.<sup>23</sup> Isto implica uma defesa, segundo ela, de uma comunidade de estados iguais, que se expressa individualmente nas pessoas segundo a categoria de cidadão do mundo.

Todos os seres racionais são concebidos (e devem conceber-se a si mesmos) como cidadão em uma comunidade moral, que transcendem todas as outras comunidades, e que se unem todas por meio de uma lei comum. Com esta concepção de si e dos outros como agentes parceiros em um mundo compartilhado moralmente, agentes morais vão além ao considerar a lei moral meramente como princípio de suas ações, pois ela é, ao mesmo tempo, considerada como o princípio que constitui uma comunidade moral, uma *cosmópolis*.<sup>24</sup>

Kleingeld na mesma obra acha que Kant refina as ideias de 1790, de maneira a ter um segundo pensamento, pelo menos, no que concerne à raça<sup>25</sup>. As afirmações da autora estavam corretas, a nosso juízo, quanto a ideia de que Kant muda seu pensamento na década de 1790, no entanto pensamos que tal movimento se refere a uma flexão mais ampla que pode ser datada em 1793 em vista da antropologia: projeto filosófico final. Ora, se ao tenta equilibrar os sexos, Kant diminui o papel social da mulher, faz-se mister saber se de alguma forma no que concerne aos povos, posto as várias diferenças dos europeus entre si, haveria uma hierarquização entre estes e outros povos, além Europa, de modo tão fundamental que seria inconciliável com um cosmopolitismo? A resposta é sim; vejamos quais os motivos.

Preliminarmente, para Kant, “pela palavra povo (*populus*) se entende a porção de seres humanos unidos num território, desde que constitua um todo”; Kant formula de maneira rígida o que ele entende por seres humanos unidos, na medida em que “aquela porção ou também parte deles que se reconhece unida, pela procedência comum, num todo civil, chama-se nação (*gens*); a parte que se exclui dessas leis (a porção selvagem nesse povo) se chama plebe (*vulgus*), cujo vínculo ilegal é *motim* (*agere per turbas*), procedimento que a exclui da qualidade de cidadão de um estado.”<sup>26</sup> Com isso, Kant define o povo em sua coesão e exclusão, ou seja, em *gens* e *vulgus*, em uma perspectiva legal e antropológica, na medida em que há os que estão sujeitos ao progresso e também aqueles que agem para causar distúrbios a este progresso.

23 Não temos a intenção de discutir o patriotismo, que tem sua ascensão de forma mais forte na segunda metade do século XVIII e que no século XIX desponta plenamente com uma série de ações belicosas dentro da Europa. Para uma discussão sobre isso: KLEINGELD, 2012.

24 “All rational beings are conceived (and should conceive of themselves) as fellow citizens in a moral community that transcends all other communities, and that all are united into this community by common laws. With this conception of oneself and others as fellow agents in a shared moral world, moral agents move beyond regarding the moral law merely as the principle for their own actions, because it is at the same time regarded as the principle that constitutes a moral community, a moral cosmopolis.” KLEINGELD, 2012, p. 17.

25 KLEINGELD, 2012, p. 18. Também Cf.: KLEINGELD, P. ‘Kant’s Second Thoughts on Race’. *The Philosophical Quarterly*, Vol 57, N° 229, October 2017.

26 KANT, 2006, p 206.

De antemão, a visão kantiana sobre os povos envolve uma noção geográfica, *território*, duas noções antropológicas, *gens* e *plebe*, e uma visão jurídica sobre os atos destes seres dentro de um estado, *motim*. Ora, podemos notar um esforço por parte de Kant para entender um ordenamento não apenas jurídico ou geográfico, mas, sobretudo, antropológico, em sentido amplo; um impulso para a classificação e hierarquização. Ser cidadão de um estado equivale a estar inserido dentro de uma perspectiva de liberdade civil e deveres públicos, o que, para Kant, é impossível em um estado de natureza. O caráter de um povo, assim, se põe como a corroboração do processo de civilização, do qual Kant faz, largamente, uso em vista de sua tentativa de definir a natureza humana.

O que dificulta, nesse sentido, é a forma como aqueles povos, segundo Kant, menos civilizados ou até mesmo aqueles sem processo algum civilizatório podem ser colocados dentro da mesma perspectiva. Kant pensa que todos os seres humanos derivam de um tronco comum, de um ponto de vista biológico, mas suas visões sobre povos não europeus, brancos, mostram uma inconsistência biológica com este tronco comum, a qual se expressa, inclusive, na incapacidade de entrar em um estado de civilização, em sentido kantiano. Isto fica claro quando analisamos o processo e os motivos da classificação hierárquica feita por Kant em relação aos diferentes povos.

Não podemos nos ater, quanto a este ponto, apenas à *Anth*, uma vez que Kant diminui seus conteúdos para não demonstrar, possivelmente, esta inadequação de uma maneira tão clara; esta característica e a retirada da pergunta antropológica<sup>27</sup> da *Anth* são importantes indícios de que Kant tinha plena noção deste fato em sua ciência antropológica. Por isso, as *lições de antropologia*<sup>28</sup> e a *PhG* são também pontos de corroboração do seu pensamento sobre o caráter dos povos e das raças. Obviamente, que na *Anth* podemos notar, de antemão, que o caráter do povo está colocado dentro de uma perspectiva metodológica e, com isso, usaremos estas outras obras como corroboração à nossa perspectiva. Primeiramente, na *Anth*, Kant atribui a condição de povos mais civilizados ao Alemão, ao Francês e ao Inglês.

27 Segundo Reinhart Brandt, a questão antropológica “não é encontrada nem nas lições nem nas notas de Kant para as lições. Ela aparece no campo da antropologia apenas em um manuscrito kantiano (ainda mantido em Rostock), no qual Kant escreve no texto da *Anth*, mas não a coloca na versão final do livro.” BRANDT, R. *Kants pragmatische Anthropologie: Die Vorlesung. Allgemeine Zeitschrift für Philosophie*, 19, 1994, s. 43. Apud: WOOD, A. *Kant and the problem of human nature*. In: JACOBS, B; KAIN, P. *Essays on Kant's Anthropology*. New York: Cambridge, 2007. p. 57. No original: “Is encountered neither in the lecture notes nor in Kant's notes for the lectures. It appears in the field of anthropology only in a Kantian manuscript (still kept today in Rostock) in which Kant set down the text for the Anthropology from a Pragmatic Point of View, but was not transferred into the book.” Grifos e tradução nossa.

28 KANT, I. *Lectures on anthropology* (Edited by Allen Wood and Robert Loudon). New York: Cambridge Press, 2013.

Desse modo, os dois povos mais civilizados da terra (entende-se que nessa classificação não se considera o povo alemão, porque o elogio do autor, que é alemão, seria um autoelogio)<sup>29</sup>, que são os mais opostos no contraste do caráter e talvez principalmente por isso estão em constante conflito, Inglaterra e França, também segundo o caráter inato delas, do qual o adquirido e artificial é somente a consequência, talvez sejam os únicos povos dos quais se pode admitir um caráter determinado e imutável, enquanto não se misturarem pela violência da guerra [...] Numa antropologia de um ponto de vista pragmático, o que nos importa, porém, é apenas apresentar o caráter de ambos, como eles são agora, mediante alguns exemplos e, até onde for possível, sistematicamente; mediante exemplos que permitam julgar o que um pode esperar do outro e como um pode utilizar o outro em seu proveito.<sup>30</sup>

A ideia de Kant acerca de um povo civilizado diz respeito a um conjunto de conhecimentos de mundo adquiridos, a fim de usá-los em vista da humanidade sob um direito cosmopolita. Isto significa que a partir de certos critérios derivados deste, tais como: conhecimento letrado, refinamento intelectual, capacidade para negócios, estado bem estabelecido, e etc., franceses, ingleses e alemães são os mais civilizados. O que parece irônico é a situação da França no momento em que Kant organiza a *Anth*, isto é, tal país havia passado por uma revolução em 1789 que guilhotinou a cabeça de toda a família real e também dos apoiadores da monarquia ou mesmo de desafetos do novo estado, criando um caos governamental até a ascensão de Napoleão com o chamado governo do consulado em 1799.

Nesses dez anos, em meio a uma série de acontecimentos, o entusiasmo de Kant com os franceses poderia ser explicado, parcialmente, por conta de que entre 1795 e 1799 os jacobinos foram afastados do poder e os girondinos ascendido a ele, reconduzindo a burguesia ao mando. No entanto, de maneira geral, o modelo empreendido de classificação dos povos parece estar ciente que este tipo de acontecimento poderia passar em qualquer lugar, até mesmo, segundo Kant, em um dos países mais civilizados. Isto é verdade, na medida em que ele se preocupa em dissociar o caráter de um povo e do de seu governo, pois

Que o caráter de um povo dependa da forma de governo é uma afirmação infundada que nada esclarece: pois de onde tem o próprio governo seu caráter peculiar? - Tampouco clima e solo podem dar a chave disso, já que as migrações de povos inteiros demonstraram que eles não mudaram o caráter em seus novos domicílios, mas apenas o adaptaram, conforme as circunstâncias, a estes, deixando, no entanto, sempre ainda transparecer, na língua, no modo de trabalhar e mesmo no vestuário, os vestígios de sua origem e, com isso, o seu caráter.<sup>31</sup>

29 Tal passagem entre parênteses está posta em rodapé na publicação original a partir deste ponto.

30 KANT, 2006, pp. 206-7.

31 KANT, 2006, pp. 207-8.



Isto se assemelha a uma forma um tanto quanto mistificada da busca por origens primordiais, pois o clima, o solo e o governo apenas influenciariam no momento mesmo da formação do caráter de um povo. Parece algo engessado por parte de Kant, talvez para justificar o caráter de povos menos ou não civilizados. No caso dos franceses, isto parece um recado motivacional de que a origem destes deve servir de inspiração para resolver a instabilidade política.

Na *Anth*, Kant inventariou as características, além dos três povos supracitados, também dos espanhóis e italianos de forma direta e dentro do quadro civilizacional, mesmo que em menor medida, e como contraponto trata também de turcos, russos e poloneses, mas de modo muito rápido e pejorativo. Dentre as curiosidades acerca dos povos brancos civilizados, Kant acha que a nação francesa se caracteriza pelo gosto pela conversação; mas, por outro lado, possui “um contagioso espírito de liberdade que também arrasta a própria razão para dentro de seu jogo e produz, na relação do povo com o Estado, um entusiasmo avassalador, que extrapola os limites mais extremos.”<sup>32</sup>

Quanto ao povo inglês, surpreendente e contraditoriamente, Kant o pensa no topo da civilização por conta de um caráter construído. As imigrações alemãs e francesas mesclaram o inglês de maneira tal que “o caráter do inglês, por conseguinte, não poderia significar nada mais que o princípio, aprendido bem cedo por meio de lição e exemplo, segundo o qual tem de criar para si um tal caráter.”<sup>33</sup> No entanto, em si mesmo, o inglês não tem caráter algum, segundo Kant, isto é, perderam o caráter natural. A expressão desse caráter apreendido seria um ímpeto ao comércio marítimo, o qual tal povo domina, tornando-o insociável; uma estranha forma civilizacional. No entanto, ele vê um grande potencial na Inglaterra de espalhar a cultura europeia por meio dos mares no mundo, pois, desta feita, possui o potencial de aplicação do cosmopolitismo.

Apesar de considerar espanhóis e italianos como povos civilizados, Kant os crê em um estágio inferior em relação aqueles três acima debatidos. Quanto aos espanhóis, para Kant, há duas marcas em seu caráter, a primeira é uma mistura de branco com árabe (mouro), o que revela uma origem não europeia, e a segunda, incrivelmente, é a ideia de “que ele não aprende com estrangeiros e não viaja para conhecer outros povos.”<sup>34</sup> Realmente, este ponto é de um lapso incrível para um povo que dominou as Américas e possuía colônias espalhadas pelo mundo até a época em que Kant escrevia tal passagem. Seguindo a linha dos espanhóis, para Kant, os italianos têm um bom gosto artístico, mas são ostentadores pois o seu “lado ruim é que eles conversam, como disse Rousseau, em salas luxuosas e domem em ninhos de rato.”<sup>35</sup> Além disso, há uma mistura do sagrado com o profano, inexplicável ao conservadorismo de Königsberg.

32 KANT, 2006, p. 208.

33 KANT, 2006, p. 209.

34 KANT, 2006, p. 211.

35 KANT, 2006, p. 211.

Kant faz esta classificação de maneira a culminar no povo Alemão como ápice da ideia de sociedade modelo cosmopolítica. Seguindo seu método, pontuando qualidades e defeitos, Kant explicita que “o alemão é, dentre todos os povos civilizados, o que mais fácil e duradouramente se submete ao governo sob o qual está, e é o que mais distante está de buscar a inovação e a insubordinação contra a ordem estabelecida [...] ao mesmo tempo, é o homem de todos os países e climas, emigra facilmente e não está arraigado à sua pátria.”<sup>36</sup> Kant reforça essa ideia de desapego à sua pátria ao afirmar logo em seguida que o alemão “não tem orgulho nacional, nem se apega, como cosmopolita que é, à sua pátria.”<sup>37</sup>

A insistência de Kant para reforçar a ideia de desapego à pátria deriva de seu contexto sócio-histórico, na medida em que a Prússia, de então, fazia parte do antigo e em declínio *Sacro Império Romano-Germânico*, o qual possuía 300 territórios soberanos dentre cidades-estado e ricos grandes estados como a Áustria e a Prússia.<sup>38</sup> Havia, assim, uma certa dispersão patriótica entre a cidade natal, o estado a que se pertence, o país e a língua, que apesar do grande número de dialetos, seguia no que concerne à escrita um padrão luterano. Havia na Prússia, especificamente, uma política para refugiados políticos e religiosos, como judeus, e, pelo menos ao longo do reinado de Frederico, o Grande, tolerância religiosa e intelectual.

O ponto é que Kant se refere ao desapego à pátria como uma maneira de expressão do seu conceito de cosmopolitismo. Havia, segundo Kleingeld,<sup>39</sup> um debate comum na época de Kant sobre uma pretensa superioridade cultural da Inglaterra e da França em relação à cultura alemã, na medida em que a fragmentação desta impediria um caráter nacionalista que pusesse em prática, de maneira conjunta, um movimento de efetivação cultural forte, tal qual as letras francesas e a política/comércio inglesa. Kant estava construindo um outro cosmopolitismo que não apenas igualava, mas também fazia a Prússia ultrapassar ambos países na hierarquia civilizatória, por conta de sua sede de aprendizagem, por meio da literatura universal e do conhecimento de mundo e de outros povos. Esta maneira de entender a característica de seu povo foi um dos motores para o seu conceito de cosmopolitismo dos anos de 1790. Entretanto, julgando o outro lado da mesma moeda, Kant pontua como defeito alemão uma característica, a qual se revelará contra si mesmo, isto é, a sua demasiada hierarquização social.<sup>40</sup>

36 KANT, 2006, p. 212.

37 KANT, 2006, p. 212.

38 KLEINGELD, 2012, p. 9.

39 KLEINGELD, 2012, p. 10.

40 “Uma certa mania metódica, pela qual se deixa classificar penosamente junto aos demais cidadãos, não segundo um princípio de igualdade, mas segundo níveis de preeminência e de hierarquia e, pela qual, nesse esquema de hierarquização, é inesgotável na invenção de títulos (como nobre, nobilíssimo, ilustre [...]), e servil por mero pedantismo [...] o surgimento dessa força pedante resulta do espírito da nação e da propensão natural do alemão a estabelecer uma escala desde o que deve mandar até o que deve obedecer.” KANT, 2006, p. 212.

Tanto o quadro geopolítico da Prússia quanto a expressão deste por parte de Kant nos mostram que a sua ideia de método na antropologia é exposta como uma forma de justificação de uma ciência nova, que consiga lidar com as diferenças entre os povos e, internamente, entre os cidadãos de uma mesma pátria. No entanto, este tipo de posição de Kant se revela inconsistente dentro de um cosmopolitismo de propósitos que devem ser alcançados por toda a humanidade ao mostrar que há povos que estão tão distantes da cultura civilizatória europeia de modo ser impossível que se possa colocar em vista da busca pelos propósitos racionais para a humanidade.

Ora, aqui aparece uma intercessão entre o que Kant pensa ser um povo e o que crê ser uma, raça, coisa que constitui a sua posição biológica e cultural no mundo. É deveras salutar que por conta de não ter encontrado tal conceito de maneira plena, e por ter compilado pessoalmente a *Anth*, Kant omite de tal obra uma série de afirmações sobre povos não europeus e sobre raças em geral, dignando-se apenas a tratar em meia página sobre linhagem familiar numa mesma raça. Entretanto, sutilmente, Kant procura se afastar na *Anth* de um conhecimento pragmático mais profundo sobre as raças, ou seja, “mesmo o conhecimento das raças humanas, como produtos que fazem parte do jogo da natureza, ainda não entra no conhecimento pragmático do mundo, mas apenas no teórico dele” (Kant, 2006, pp. 21-2).

### **Considerações Finais**

Portanto, é, no mínimo, curioso que ele queira deixar o conhecimento sobre as raças de fora de uma antropologia de um ponto de vista pragmático, mas elenca, mesmo que de modo muito tímido, que a raça é uma característica pragmática, a qual deve ser apreciada. Esta faceta de sua filosofia permite entender que sua ideia de civilização (retirada, possivelmente, da tradição francesa) tem como escopo moldar o ser humano de acordo com uma universalidade pautada na Europa. Seu eurocentrismo é tão grande a ponto de colocar espanhóis e portugueses como quase povos não europeus, por conta de sua mescla com a cultura árabe.

Por conta disso, é significativo que sua ideia de natureza humana seja completamente inconsistente e tenha de sustentá-la, para minimamente fazer sentido, em uma finalidade cosmopolita. Popularmente falando, todos que não somos europeus que lutemos para alcançar tal cultura na locomotiva da história. Com isso, que a filosofia kantiana representa o amadurecimento da cultura iluminista, que, doravante, irá preocupar-se em acumular mais riquezas em territórios a serem explorados; uma tentativa de impor cosmologicamente uma certa cosmopolítica que interessa, inicialmente, apenas aqueles que a formularam.

O colonialismo, a misoginia e o racismo de Kant aparece de forma clara em sua filosofia e se quisermos entender este autor como um pensador que moldou o modo mesmo que os 200 anos seguinte compreendeu o mundo não podemos

deixar esta faceta de fora de uma apreciação de sua filosofia. Kant representa a forma mesma como a modernidade iluminista mudou o mundo, isto é, para que suas demandas tivessem validade, entraram em confronto com o poder absolutista constituído na Europa (apesar de no caso de Kant isto ser menos explícito em suas palavras, mas forte em seu espírito filosófico), de maneira a quebrar a hierarquia própria deste regime (reis, príncipes, imperadores, duques, condes e etc.), mas, em contrapartida, erguendo uma hierarquia racial e machista. Se quisermos mudar, de fato, o mundo, em vez de apenas compreendê-lo (Marx), teremos de rever as estruturas que o fundamentam e, assim, a filosofia moderna de tradição iluminista e liberal tem de ser escrutinada de modo rígido.

**Referências bibliográficas:**

- BERNASCONI, R. 2001. *Who Invented the Concept of Race? Kant's Role in the Enlightenment Construction of Race*. In: BERNASCONI, R. *Race*. Malden: Blackwell.
- \_\_\_\_\_. 2002. *Kant as an Unfamiliar Source of Racism*. In: WARD, J.; LOTT, T. *Philosophers on race: critical essays*. Oxford: Blackwell.
- \_\_\_\_\_. 2011. *Kant's Third Thoughts on Race*. In: MENDIETA, E.; ELDEN, S. *Reading Kant's Geography*. New York: Suny Press.
- BRANDT, R. 'Kants pragmatische Anthropologie: Die Vorlesung'. *Allgemeine Zeitschrift für Philosophie*, 19, 1994.
- CHUKWUDI-EZE, E. 1997. *The Color of Reason: The Idea of "Race" in Kant's Anthropology*. In: CHUKWUDI-EZE, E. *Postcolonial African Philosophy*. Lewisburg: Blackwell.
- HERMAN, B. 1993. *Could It Be Worth Thinking About Kant on Sex and Marriage?*. In: L. M. Anthony & Ch. Witt (eds.): *A Mind of One's Own: Feminist Essays on Reason and Objectivity*. Boulder, Colorado: Westview Press.
- KANT, I. 2006. *Antropologia de um ponto de vista pragmático* (tradução de Clélia Aparecida Martins). São Paulo: Iluminuras.
- \_\_\_\_\_. 2013. *Lectures on anthropology* (Edited by Allen Wood and Robert Louden). New York: Cambridge Press.
- \_\_\_\_\_. 2012. *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime / Ensaio sobre as doenças mentais* (tradução de Pedro Panarra). Lisboa: Edições 70.
- \_\_\_\_\_. 2002. *Manual dos cursos de lógica geral* (tradução de Fausto Castilho). Campinas/Uberlândia: EDUFU/EDUNICAMP.
- KLEINGELD, P. 1993. 'The Problematic Status of Gender-Neutral Language in the History of Philosophy: The Case of Kant.' In: *THE PHILOSOPHICAL FORUM* Volume XXV, No. 2, Winter.
- \_\_\_\_\_. 2012. *Kant and Cosmopolitanism: The Philosophical Ideal of World Citizenship*. New York: Cambridge.
- \_\_\_\_\_. 2017. 'Kant's Second Thoughts on Race'. *The Philosophical Quarterly*, Vol 57, Nº 229, October.
- LARRIMORE, M. 2008. 'Antinomies of Race: Diversity and Destiny in Kant'. In: *Patterns of Prejudice* 42:4–5.
- MIKKELSEN, J. M. 2013. (ed.). *Kant and the Concept of Race: Late Eighteenth-Century Writings*. SUNY Press: Albany.
- MOSSER, K. 1999. 'Kant and Feminism'. In: *Kant-Studien*, 90, pp. 322–353.
- PALMQUIST, S. 2017. 'Egalitarian Sexism: A Kantian Framework for Assessing the Cultural Evolution of Marriage (I)'. *Ethics & Bioethics (in Central Europe)*, 7 (1–2), pp. 35–55.
- SALIKOV, A. ZHAVORONKOV, A. 2018. 'The concept of race in Kant's Lectures on Anthropology'. *CONTEXTOS KANTIANOS, International Journal of*



*Philosophy*, N.º 7, Junho, pp. 275-292.

SCHOTT, R. M. 1998. *Kant*. In: A. M. Jaggar (ed.): *A Companion to Feminist Philosophy*. Cambridge: Blackwell, pp. 39-48.

WOOD, A. 2007. *Kant and the problem of human nature*. In: JACOBS, B; KAIN, P. *Essays on Kant's Anthropology*. New York: Cambridge.

Revista digital: [www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos](http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos)

Sistema de Avaliação: revisão por pares “duplo-cego” (Double Blind Review)

Recebido em 29 / 04 / 2020. Aprovado em 26 / 05 / 2020.



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.